

COM A PALAVRA: MARCOS ROLIM

PORTA RETRATO

MARCOS FONSECA

marcos.fonseca@diariosm.com.br

Doutor e mestre em Sociologia, jornalista e professor universitário, Marcos Rolim tem longa trajetória política e na segurança pública. Atual diretor de Comunicação Social do Tribunal de Contas do Estado (TCE), é membro do Conselho de Segurança Pública no país e um militante humanista. Ex-vereador em Santa Maria e ex-deputado estadual e federal, Rolim foi autor da primeira legislação de Reforma Psiquiátrica no Brasil e da primeira lei de proteção às testemunhas e vítimas da violência. É autor de vários de Ciências Sociais.



FOTOS ARQUIVO PESSOAL



Com as filhas, Sofia e Maíra, no período em que esteve na Inglaterra

Marcos Rolim durante palestra na UFRGS em 2015

Diário – Como ocorreu sua transição de jornalista para sociólogo e, hoje, professor?

Rolim – A maior transição comigo ocorreu quando decidi me afastar da militância partidária, em 2004, no período em que estive em Oxford (Reino Unido). Lá, eu percebi o custo verdadeiro – em termos pessoais e familiares – de uma militância que havia começado aos 16 anos, ainda na luta contra a ditadura. Na volta ao Brasil, iniciei uma trajetória acadêmica, fazendo o mestrado e o doutorado em Sociologia, dando aulas e realizando pesquisas. A ida para o Tribunal de Contas teve a ver com a compreensão do então presidente da Corte, conselheiro João Osório, de que a instituição precisava mudar suas relações com os jurisdicionados e a sociedade, apostando no diálogo e na transparência. A política de comunicação que construímos é reconhecida nos tribunais brasileiros.

Diário – Há alguma boa lembrança que Santa Maria deixou para o senhor?

Rolim – Quase todas as lembranças que tenho da cidade são boas. Meu pai (Flávio Rolim), minha mãe (Rosa Maria Schneider), meus irmãos (Glauco, Alexandre e Vinícius); os tempos de Bilac e de Maria Rocha, os primeiros grandes amigos na infância e na adolescência; a música, a poesia, o cinema; as professoras que fizeram a diferença, a inteligência do Adelmínio (Adelmo Genro Filho),

a genialidade do Jacaré (Sérgio Metz); o primeiro curso universitário, a UFSM; as demandas por liberdade, o movimento estudantil, a atuação na Câmara; minha primeira filha; minha grande paixão; meus sonhos mais importantes; tudo terá sempre a ver com Santa Maria.

Diário – Como o senhor observa o momento político hoje no país, principalmente em função das ações de guerra à corrupção?

Rolim – O Brasil vive um momento histórico muito difícil, marcado pelo avanço da irracionalidade e da extrema direita. Temos um modelo político exaurido pela corrupção, pelo cinismo e pela incompetência, mas não há ainda alternativa política nacional nem uma plataforma de reformas que mobilize a esperança e unifique as lutas sociais. A polarização política mais forte dos últimos 20 anos, representada pela disputa entre PT e PSDB, não tem mais sentido e ambos os partidos são hoje, ao lado do PMDB, os mais interessados em barrar a Lava Jato e “estancar essa sangria”, como disse o senador Romero Jucá. A par dos discursos manipuladores que formulam para agregar suas bases, esses partidos compartilham, cada vez mais, as mesmas políticas e os mesmos métodos. É lamentável que o PT tenha se transformado num partido conservador e comprometido com a pilantragem que sempre caracterizou os partidos tradicionais.



Registro da juventude com jornalista em Santa Maria. Rolim trabalha com sua máquina de escrever Olivetti



Com a companheira Jussara e a filha Sofia ainda era bebê

Diário – E o futuro? Venceremos a crise?

Rolim – A crise econômica só será suplantada pela afirmação de uma alternativa política. É possível que as eleições de 2018 construam um caminho. Um governo com a legitimidade das urnas e disposto a realizar reformas estruturais poderia unir o país e conduzi-lo a uma situação mais promissora. Especialmente se tiver a coragem de mexer com interesses poderosos. Seria preciso, claro,

que o novo governo liderasse uma ampla reforma política. O problema é que esse cenário é pouco provável e devemos considerar que 2018 pode reservar surpresas ainda mais desagradáveis. Por exemplo, uma candidatura fascista competitiva. O Brasil já respira esse perigo.

Diário – A partir da sua experiência, acredita que o Brasil poderá reverter o quadro de insegurança?

Rolim – Para isso, devemos



Em 2000, numa inspeção em uma das Febens de São Paulo2000

construir políticas de segurança com base em diagnósticos científicos e que invistam, sobretudo, na prevenção. Atualmente, os gestores na área repetem platitudes ao gosto do senso comum, ou porque não sabem o que fazer ou porque são demagogos. Não raro, pelos dois motivos. É preciso identificar as dinâmicas que agenciam o crime e a violência e desconstituí-las com políticas públicas focadas. A atual política de drogas e o encarceramento em massa são duas dessas dinâmicas. Ou alteramos isso, ou as coisas ficarão piores. Por outro lado, o Brasil não pode mais adiar a necessidade de reformar seu modelo de polícia. Nossas polícias devem atuar na prevenção, na investigação e na repressão, e ter, cada uma delas, carreiras únicas.